

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA – CARLOS REICHENBACH
12 e 15 de Outubro de 2022

SANGUE CORSÁRIO / 1980

Um filme de Carlos Reichenbach

Realização: Carlos Reichenbach / Argumento: Jairo Ferreira e Carlos Reichenbach / Texto: Orlando Parolini / Direcção de Fotografia: Carlos Reichenbach / Som: Jorge Vaz / Montagem: Eder Mazini / Interpretação: Orlando Parolini (o poeta), Roberto Miranda (o bancário).

Produção: Produções Cinematográficas Galante / Produtor: Roberto Galante / Cópia em 35mm, colorida, falada em português, legendado electronicamente em inglês / Duração: 10 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

ALMA CORSÁRIA / 1993

Um filme de Carlos Reichenbach

Realização, Argumento, Fotografia e Música: Carlos Reichenbach / Direcção Artística: Henrique Lanfranchi e Renato Theobaldo / Som: José Luiz Sasso / Montagem: Cristina Amaral / Interpretação: Bertrand Duarte (Rivaldo Torres), Jandir Ferrari (Teodoro Xavier), Andrea Richa (Anesia), Flor (Verinha), Jorge Fernando (Magalhães), Mariana de Moraes (Eliana), Emilio di Biasi (pai de Anesia / tio Artur), Abrahão Farc (suicida), Roberto Miranda (profeta), Paulo Marraão (Oscar), Jackeline Olivier (Paula Nelson), etc.

Produção: Dezenove – Moviecenter – Seren Produções / Produtores: José Eduardo Mendes Camargo, Donald Ranvaud, Carlos Reichenbach e Sara Silveira / Cópia em 35mm, colorida, falada em português, legendado electronicamente em inglês / Duração: 112 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

A poesia está no centro de **Sangue Corsário**, que é uma espécie de antecipação, em quase década e meia, de uma das obras maiores do autor (**Alma Corsária**, de 1993). É um lamento: um lamento pelo poeta “marginal” Orlando Parolini (protagonista do filme e autor do seu próprio texto, genericamente constituído por poemas de sua autoria), e pelo aburguesamento dos que outrora foram “marginais” (o bancário que interage com Parolini, e que acaba o filme numa “apologia” do seu modo de vida, “responsável” e, naturalmente, centrado no dinheiro). O cenário são ruas, praças, passadiços, edificios, do centro de São Paulo, e a forma como Carlos Reichenbach insere o “discurso poético” no meio do bulício quotidiano vale por mil “performances” – assim como uma “performance” poética vezes mil é aquele travelling de automóvel ao longo do famoso “minhocão” (um viaduto que cruza uma grande porção da cidade) com Parolini declamando a sua torrente de palavras contra o vento, contra os arranha-céus, contra os carros que passam, contra tudo, e que é certamente um dos mais belos momentos de “poesia no cinema” alguma vez filmados. No fim, “let it bleed”, “deixa sangrar”, a canção dos Rolling Stones a fazer a transição das últimas imagens para o breve genérico de fecho.

Também há poetas em **Alma Corsária**. São o par de personagens principais, Rivaldo e Teodoro, que acabaram de lançar um livro em colaboração e reúnem uma série de convidados (a maior parte deles, fortuitos) num boteco de São Paulo para assinalar a ocasião. Esse boteco, onde ainda assim se passa uma quantidade assinalável de coisas, é o centro nevrálgico do filme,

aquele de onde parte para “flash backs” e derivas e aonde se volta sempre ou quase sempre, como uma espécie de garantia “estrutura” num filme que sendo um dos mais livres de Reichenbach na sua fase final, é também dos que mais desafiam o caos, a fragmentação, o “non sequitur”. O que não deixa de fazer um certo sentido visto tratar-se, em boa parte, de um filme sobre a memória, e como **Filme Demência** um filme sobre a memória autobiográfica, tão coberta por cifras e alusões como nesse filme – embora aqui a componente autobiográfica se refira sobretudo, mais do que à “vida pessoal”, à “vida artística” e à “vida ideológica”, não só de Reichenbach mas da sua geração ou parte dela. Podemos dizer, de forma que não nos parece abusiva, que o par de personagens centrais funciona como uma cisão da autobiografia, ou da personalidade, do próprio autor, dois rostos não necessariamente antagónicos e essencialmente complementares, como naqueles “buddy movies” em que um dos parceiros é mais caricatural do que o outro (o “revolucionário” que continua a ter sempre um chavão à mão lembra certas personagens de Godard ou de Marco Bellocchio).

Mas é difícil pegar num ponto preciso deste filme estilhaçado e esfusiente. Aquilo que o liga a **Sangue Corsário**, ou que este prenunciava, é óbvio – os poetas e a cidade, o tempo depois das ilusões, e a personagem de Jorge Fernando é mesmo uma espécie de continuação, mais perversa, do bancário do filme de 1980. Mas se a cidade continua a ser o centro, é um filme a fugir para fora dela – as cenas em Dois Córregos, município da zona litoral de São Paulo que viria a ser o objecto (e o título) da longa-metragem seguinte de Reichenbach (**Dois Córregos**, justamente), e onde aqui têm lugar algumas das mais belas sequências do filme, como todo o episódio do falso noivado. Como se o excesso de cidade cansasse, e dele se fugisse apenas ou para o campo ou para “dentro”, para o boteco que Reichenbach filma como se fosse um espaço isolado, uma “cápsula” para náufragos ou refugiados (a todos ou quase todos prestando, no seu devido tempo, atenção) que não fica longe de lembrar certas coisas da Hollywood clássica, como o abrigo dos aviadores no **Only Angels Have Wings** de Hawks. Cinema, pois então, já **Alma Corsária** até tempo para, qual exercício de “alt-history”, fazer Samuel Fuller (como já dissemos noutras folhas, um dos cineastas mais amados por Reichenbach) ganhar um oscar e reparar uma injustiça do cinema americano. E música: aquele momento em que pára tudo no boteco para que venha o pianista negro tocar o **Clair de Lune** de Debussy é um momento de antologia que, no capítulo “piano bar”, só encontra par no cinema contemporâneo na cena com a peça de Chopin no **Deer Hunter** de Cimino. E evidentemente, poesia: de Cesário Verde a Augusto dos Anjos, **Alma Corsária** é um também um grande filme da palavra poética na língua portuguesa.

Luís Miguel Oliveira